

COMUNICAÇÃO: UM TEMA EM DESENVOLVIMENTO

ADÍSIA SA

Este trabalho obedecerá ao seguinte roteiro:

- 1 — Comunicação — necessidade:
 - a) ontológica (cósmica)
 - b) biológica
 - c) psicológica
 - d) social (espiritual)
 - e) antropológica
- 2 — Incomunicabilidade humana
- 3 — Comunicação — fundamentos filosóficos: Teoria do Conhecimento
- 4 — Cibernetização ou autonomia do homem

1 — A comunicação — *latu sensu* — não é um fenômeno próprio e exclusivo do homem: todos os seres se comunicam. A comunicação *strictu sensu* — é própria e exclusiva do homem. A comunicação, assim encarada, é unicamente do homem pelo caráter objetivo de que se reveste. Ou seja, o “por que” da Comunicação.

A comunicação — *strictu sensu* — é humana porque representa a tentativa de um homem levar a sua idéia a outro homem, seja para persuadir, convencer e afetar pensamentos, sentimentos, vontades — através de símbolos, veículos e sistemas de mensagens.

A comunicação — *latu sensu* — é comum a todos os seres.

“Entendida no seu sentido mais amplo e impreciso, a Comunicação não é fenômeno próprio e exclusivo do ser humano: de certa for-

ma, todos os seres se comunicam, até mesmo os inanimados. Os elementos atômicos, por exemplo, se atraem e se repelem segundo leis que a Natureza lhes impôs de afinidade ou repulsa." (1)

a) *Comunicação: necessidade ontológica*

A Comunicação é uma *necessidade ontológica (cós mica)*, quer dizer, necessidade do ser. Tudo aquilo que existe, aquilo que é, se comunica: precisa de comunicação, de participação. Participação é tirar algo de um ente para outro ente. A comunicação é uma necessidade ontológica: todos os entes se comunicam. Na natureza tudo se comunica: as plantas, os minerais, os animais. Por que? Porque a comunicação é própria do ser.

Todos os seres existentes na natureza tiveram uma só origem, uma só matriz. De um só átomo primitivo todos os seres se iniciaram.

No mundo, todos os seres possuem pontos semelhantes: o que existe na natureza física existe no homem e nos animais: ferro, cobre, hidrogênio, oxigênio. O nosso corpo possui elementos da natureza bruta. Nas plantas e nos animais irracionais existem elementos que pertencem à natureza física e ao homem. Elementos que existem na planta, no animal, no mineral e no homem não são estranhos, então, a nenhum dos reinos da natureza.

É isto, *latu sensu* — a comunicação: uma necessidade ontológica de o ente se comunicar com tudo que existe. Na hora em que o homem comunicou-se com a natureza, descobriu e inventou, construiu e produziu tudo isto de que nos servimos e nos beneficiamos.

A jóia que se usa, por exemplo, é fruto desta comunicação do homem com a natureza: o homem entrou no seio da natureza e dali tirou isto que nos encanta.

A comunicação, *latu sensu*, é comum a todos os seres. Até Deus se comunicou.

Deus por um ato de vontade fez o mundo e todas as coisas que estão no mundo, segundo expressão bíblica. Por que? Porque Deus não podia se comunicar consigo mesmo, a despeito do que Aristóteles informava. Isto é, Deus é o pensamento que se pensa a si mesmo. Deus, na concepção agostiniana, fez o mundo. Deus teve medo da solidão. Deus se comunicou quando criou o mundo e tudo que nele existe, principalmente o homem.

A comunicação, *latu sensu*, é comum a todos os seres.

Tudo o que existe está em comunicação. Todos os elementos da natureza participam do processo de comunicação. Todos os seres se nivelam na sua origem e no seu fim.

(1) OLIVEIRA, José Xavier de — Usos e abusos de Relações Públicas. Rio, Fundação Getúlio Vargas, 1971, p. 105-106.

A natureza física, as plantas, os animais e até mesmo o homem emanam de um mesmo princípio, de uma origem comum. As substâncias que compõem os seres são as mesmas: elas estão associadas entre si. A ordem e a harmonia em que se assenta o Universo derivam dessa associação, desse fazer-se comum dos elementos que o constituem. Para que tudo se originasse, inclusive ou principalmente o homem, foi necessário que todos os elementos se associassem, entrassem em comunicação. Daí por que se diz que o homem é o ápice da evolução. O homem é a natureza consciente.

Tudo existe, *latu sensu*, se comunica.

A terra nem sempre foi o que é hoje. Desta colocação deduz-se que a transformação aconteceu.

Nada que existe na terra sempre existiu como é, como se apresenta. Desta colocação deduz-se que a transformação ocorreu.

Se a terra e o que nela contém — nem sempre foram como agora se encontram, é porque atravessaram etapas ou idades diferentes.

A cada idade da terra encontramos uma paisagem diferente: vegetal, mineral, animal.

A terra já atravessara idades quando o homem apareceu. No justo momento o homem apareceu, isto é, quando as condições da natureza lhe eram propícias o homem apareceu. Também não aparecera como é, agora.

A transformação da terra e de tudo que nela existe demonstra que a constituição dos seres terrestres é a mesma. Se assim não fosse a evolução atingiria uma determinada espécie e não a todas as existentes.

A cada transformação da crosta terrestre corresponde um novo tipo de mineral, de vegetal, de animal.

Afirma-se que a vida proveio da célula, de uma mesma célula (como a natureza surgiu de um átomo primitivo). A origem de tudo há de ser comum, para que justificada esteja a evolução global.

Ao processo evolutivo nada escapou: todos os seres dele participaram.

A geração espontânea, nesta perspectiva, não tem base: todos os seres foram gradativamente surgindo, segundo as condições da natureza. E a prova disto está nas estruturas de cada ente: são complexas demais para que surgissem de uma vez, completas.

A evolução, atingindo todos os entes, necessita de um elemento comum a todos estes mesmos entes para que todos participem do processo. Daí por que dizemos que todos os entes são partícipes da natureza.

Para que haja a participação é necessário algo comum, no caso, o elemento da origem.

O outro ponto curioso a acentuar agora é o que diz respeito ao estado em que se efetua a evolução: nada de violência ou processos violentos ou transformações bruscas e em condições excepcionais.

O processo evolutivo obedece a leis rígidas. A observação dos fatos levou os cientistas à conclusão de leis regentes da evolução. Isto é: nada aconteceu arbitrariamente no desenvolvimento da natureza (no sentido global).

Todos os seres vivos são sistemas dinâmicos, abertos. Significa que os seres vivos participam (e podem participar) do processo evolutivo (da comunicação) das substâncias entre si, pelos/e nos entes.

ÓPARIM, (2) explicando a origem da vida, informa que o carbono — elemento básico — estava disperso sob a forma ígnea primitiva. O carbono associou-se ao hidrogênio, surgindo os hidrocarbonetos, que se formaram na superfície da terra. Os hidrocarbonetos combinaram-se em nitrogênio e oxigênio, formando os derivados nitrogenados e oxigenados, surgindo, então, as primeiras substâncias orgânicas.

Estas substâncias orgânicas formaram compostos mais complexos: as albuminas e matérias albuminóides (proteínas). Estava formada, após esse associar-se, após todo esse fazer-se comum, a matéria de que se constituem os corpos animais e vegetais.

No início esta matéria encontrava-se dissolvida nas águas do oceano primitivo, separando-se depois sob a forma de gotas de coacervado ou aglomeração de moléculas. As primeiras delas tinham estrutura simples, mas com o tempo tornaram-se mais complexas, constituindo, enfim, os primeiros seres vivos, antepassados de tudo que existe na terra.

Igualmente no interior das células que compõem os organismos vivos processa-se esse mesmo associar-se, esse comunicar-se, responsável pelo equilíbrio e manutenção de suas funções. Nos cromossomas das células — os genes, moléculas compridas e encadeadas de ácido bioxiribonucleico (conhecido como DNA), elaboraram proteínas específicas — as enzimas. Cada uma dessas enzimas desencadeia uma reação química específica, construindo, assim, os órgãos e tecidos especiais que formam os organismos.

A comunicação — *latu sensu* — é comum a todos os seres.

Os animais também se comunicam. Os animais se comunicam através de uma linguagem que o homem interpreta, como interpreta todas as linguagens da natureza.

A comunicação — *strictu sensu* — é privativamente humana.

(2) OPARIN, A. — A origem da vida. São Paulo, Editora Escriba, s/d.

b) *Comunicação: necessidade biológica*

O Homem se comunica por uma necessidade *biológica*.

Tudo que existe no homem, existe para se comunicar. Todo o nosso organismo foi feito para se ligar com o mundo. O homem é um ser aberto, biologicamente falando. Os nossos sentidos são gigantescas antenas em perene funcionamento de receber/responder, apreender/armazenar, arquivar/associar. E o nosso cérebro é uma central cap-tadora/informadora em ininterrupta atividade.

O homem é, biologicamente, ser de comunicação: receptor e transmissor, fonte e emissor.

Tudo que existe no homem — biologicamente, existe com uma função determinada dentro do grande processo da comunicação.

c) *Comunicação: necessidade psicológica*

O homem se comunica por uma necessidade *psicológica*.

O homem é um ser aberto e é através dos sentidos que ele se comunica com o meio exterior. O conjunto sensorial — órgãos dos sentidos e sensibilidade —, que forma o homem, o leva a manter intercâmbio com o mundo que o cerca.

As funções perceptivas —

percepção (estímulos externos)

atenção

memória (fixa, evoca, reconhece — por semelhança, por oposição) associação,

fazem do homem um ser comunicador.

d) *Comunicação: necessidade social*

O homem se comunica por uma necessidade *social* (espiritual).

O todo humano nos leva a ser o que somos: seres gregários. O ser aberto, que é o homem, o faz partícipe do mundo. E o mundo do homem é aquele que o homem faz para si, ou seja, o mundo social.

Todas as conquistas humanas são frutos sociais: da fala (falar é uma aprendizagem, é uma transmissão cultural). Sem uso, o órgão vocal pode ficar perfeito, mas não tem razão de ser.

“À medida em que evolui no tempo e no espaço, o homem tem buscado, com ansiedade crescente e constante insatisfação, comunicar-se, não apenas com seus semelhantes, mas com todos os seres possíveis e imagináveis, não importando muito, nesses tentames, o grau de certeza quanto à existência real desses seres; procura comunicar-se com Deus ou com os deuses, com os espíritos desencarnados,

com todos os seres vivos (animais ou vegetais) que o rodeiam e também com os muito prováveis habitantes de outros mundos." (3)

Dizer-se (mesmo como ficção) que Tarzan foi criado nas selvas com animais e que aprendeu a ler sozinho, é conversa: o homem só aprende a falar em grupo e a leitura é fruto social.

Crusoé precisava comunicar-se com o mundo exterior, para sobreviver: daí por que começaram a aparecer coisas na sua ilha: objetos e até um papagaio e, finalmente, Sexta-Feira.

O homem é um ser comunicador.

A comunicação é inerente ao homem. O homem não sobrevive, se isolar-se. A comunicação é a defesa e a arma com que conta o homem para integrar-se ao ambiente (ecologia) e ao meio social (sociedade). Toda ordem nasce e se mantém pela comunicação: sua continuidade ocorre da transmissão de valores, de experiências, ensinamentos entre os homens através dos tempos, das gerações.

O homem é o único ser que deixa conscientemente a marca de sua passagem no tempo. Por ser comunicador, o homem é o único ser que tem o sentido de eternidade: sabe de sua finitude e busca (ou cria) a infinitude, a eternidade, a imortalidade.

No homem tudo que existe, existe para comunicar-se. Todo o seu organismo torna-o apto a se comunicar com o todo. Todo o seu organismo reage e responde aos estímulos do mundo exterior, tornando-o o único ser capaz de agir sobre as coisas, com total domínio sobre elas.

A comunicação é uma *necessidade social (espiritual)* para o homem.

O homem é o único ser que não se comunica apenas com o hoje e para o agora: o homem se comunica num sentido conseqüente, não apenas de sucessão, mas num sentido de eternidade. Parece um paradoxo: o homem ser o único animal que sabe que morre e ser o único que não tem na morte o seu fim. Morte como sinônimo de desaparecimento individual e coletivo. Daí por que o homem deixa vestígios de sua passagem no tempo: nas gravuras das cavernas (ou cultura rupestre), nos monumentos, na música, enfim, o homem é o único animal que deixa conscientemente sinal de sua passagem no tempo.

e) *Comunicação: necessidade antropológica*

A comunicação é uma *necessidade antropológica*.

Se cada geração começasse as etapas culturais já vencidas, ainda estávamos na pedra lascada.

O homem se comunicou através dos gestos, da palavra articulada, do papiro, do papel impresso, até que hoje chegamos ao Telstar ou comunicação por satélite.

(3) OLIVEIRA, José Xavier de — Ob. cit., p. 105.

O homem se comunica com o todo: não só pela voz, não só pelo gesto, não só pelo tato. Ainda no ventre materno o ser humano comunica-se com o mundo exterior. Sabe-se que o parto sofre retardamento porque a criança “dorme”, isto é, vive, reage, transmite informações... como recebe impressões, no ventre materno.

Sabemos que o filho comunica-se com a mãe até pelo olhar. E hoje não se põe criança em creches públicas, ao cuidado de outras mulheres que não as suas mães. As creches estão nos locais de trabalho das mães para que a criança não sofra contínuos impactos cada vez que é assistida por mulheres diferentes.

O homem é o único animal que se comunica, não apenas por sinais, mas antes e acima de tudo por símbolos, segundo concepção de SUSANNE LANGER. (4)

O homem é o único ser capaz de se comunicar com instrumentos considerados abstratos — como os símbolos, válidos no contexto em que se concretizam.

2 — *Incomunicabilidade humana*

Inicialmente dissemos que a comunicação — *strictu sensu*, é própria e exclusiva do homem, pela propositividade que a envolve. Isto é, o homem na comunicação visa persuadir, convencer, afetar sentimentos, pensamentos e volições de outro homem.

Levanta-se, aqui, uma questão: será que o homem abre facilmente mão de sua autonomia e se deixa envolver pela “mensagem” do outro, sabendo que tal envolvimento não passa de uma invasão ao seu eu?

Vejamos, em síntese, em termos filosóficos, o que expõem doutrinas sobre a necessidade da comunicação, sem o requinte da análise sobre “incomunicabilidade”.

Duas perspectivas diferentes tentam justificar a necessidade da comunicação: (5)

a) *Perspectiva estruturalística*

Para os estruturalistas a necessidade da comunicação repousa na particularidade de que cada um de nós tem um campo fenomenal individualizado e que tende a se estender aos outros homens.

(4) LANGER, Susanne — *Filosofia em nova chave*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

(5) PENNA, Antônio Gomes — *Percepção e aprendizagem*. Rio, Fundo de Cultura, 1970, e *Comunicação e linguagem*. Fundo de Cultura, 1970.

b) *Perspectiva fenomenológica*

Os fenomenologistas, para responderem a indagação por que nos comunicamos (?), baseiam-se na própria definição do indivíduo, da consciência. BRENTANO afirma que uma consciência que só se conhece a si mesma é falsa. A consciência é sempre consciência de alguma coisa (relação). A consciência é presença do mundo: a perda da consciência é o desaparecimento do mundo. O ser humano só se realiza e se compõe com a realidade. Ou, como afirma HEGEL, “o homem é um entrelaçamento de relações”.

O homem isolado é uma abstração e, como tal, inexistente.

Experimentos realizados com voluntários demonstraram que, rompidas as relações com o meio ambiente, há uma aniquilação do sujeito: a sua realidade depende da realidade do objeto. Nos indivíduos submetidos a essa experiência manifestou-se alucinação visual, auditiva etc.

Frederico II, rei de Nápoles, no século XIII, preocupou-se com o problema da língua que uma criança falaria caso não ouvisse nenhuma voz e determinou que, numa cheche, as enfermeiras tratassem das crianças sem emitir qualquer forma de comunicação. Todas as crianças morreram: elas não conseguiram sobreviver sem carinho, sem comunicação.

A comunicação, *strictu sensu*, é privativa do homem pela propositividade que a envolve.

Desde Hegel até Husserl, passando por Cassirer, encontramos uma forte insistência em admitir a propositividade na comunicação como algo fundamental.

Embora autores respeitáveis como esses defendam a tese da intencionalidade como fator determinante para que haja a comunicação, para seguidores de Freud o enfoque é outro: onde quer que esteja um ser humano, aí está a comunicação, quer através da linguagem, quer através de qualquer outra forma cifrada. Para o analista o sintoma é uma forma de comunicação, assim como os gestos e os tiques. Para estes não há diferença entre comunicação propositiva ou não propositiva: a diferença consistiria na propositividade consciente ou inconsciente.

A incomunicabilidade, entretanto, não pode nem deve ser vista apenas por um ângulo, isto é, o mundo interior de cada homem ser o seu único sacrário, e, como tal, sagrado e intocável, ou seja, o sétimo véu de nossa alma. A incomunicabilidade humana precisa ser vista pelo âmbito legal, ou seja, o direito que cada homem tem de ficar só.

O nosso mundo já é a aldeia global, a que se refere McLUHAN: existe um assalto direto à sacralidade do homem, ao direito ao isolamento que cada homem possui. Não me refiro só à invasão da inti-

midade, de que nos fala RICHARD H. ROVERE, (6) penso também nas instituições que forçam a vida em comum, impedindo a quem quer que seja flear — mesmo por instantes — sozinho consigo mesmo. Certas pessoas estão tentando garantir o direito ao isolamento, aproveitando, inclusive, instrumentos da sociedade comunitária em que vivemos: o artesanato ganha vulto, carros, casas são construídos em maior número e os aparelhos de ar condicionado ajudam na instalação de um recinto íntimo para cada homem.

Por mais estranho que possa parecer o que vou dizer, direi. Fala-se tanto em poluição do ambiente (pelos gases e detritos), que se chega a esquecer que a maior poluição é justamente a que destrói a intimidade do homem.

(Refiro-me à poluição visual “que provém da paisagem deteriorada, das favelas, das inscrições nos muros e paredes, dos cartazes de mau gosto, das corres berrantes”, (7) da falsa arte, das roupas extravagantes etc. Refiro-me à poluição auditiva vinda do palavrão fora de hora, da linguagem rebuscada de intelectuais ultrapassados, das conversas fúteis dos coquetéis, das badalações de mulheres desocupadas, das promessas vãs de políticos inconseqüentes etc. Refiro-me à poluição “doméstica, que se produz nos apartamentos cada vez menores com o acúmulo de jornais velhos, de garrafas vazias, de entulhos, de móveis e tapetes em ruínas, de pulgas, baratas e ratos.” (8)

3 — *Comunicação — fundamentos filosóficos: Teoria do Conhecimento*

O homem, vimos, é um ser cósmico. Sendo o homem um ser cósmico, pode comunicar-se com o cosmo, com o mundo. E o homem se comunica com o mundo, como o mundo se “comunica” com o homem.

Então concluímos: o homem é um ente do mundo

no mundo e
para o mundo.

O homem é um ente do mundo: não imaginamos o homem a não ser no mundo. Não temos o homem abstrato, não concreto. Quando pensamos no homem, pensamos no homem no mundo.

Também não concebemos o mundo sem o homem: não tem sentido o mundo sem o homem, porque é justamente o homem que dá razão ao mundo.

Como assim? As coisas existem, então aí e quando o homem apa-

(6) JASPERS, K. et alii. — *O dilema da sociedade tecnológica*. Petrópolis, VOZES, 1971, p. 83.

(7) MELO FILHO, Murilo — *O milagre brasileiro*. Rio, Edições Bloch, 1972, p. 181.

(8) Idem, *ibidem* p. 182.

rece no mundo encontra tudo existente. Mas é o homem que dá sentido ao mundo, é o homem que hominiza o mundo, isto é, prepara o mundo para habitá-lo como o homem. Não é o mundo que coisifica o homem ou que mundaniza o homem, isto é, não transforma o homem em mundo para viver no mundo.

O homem está no mundo.

O homem é um ser encarnado, isto é, feito carne, existente, existindo e existindo no mundo.

O homem é um ser entre.

O homem só tem sentido encarnado e encarnado entre nós, com os outros. O homem habita entre nós, não sozinho. O homem está no mundo, está encarnado no mundo: ele não está sozinho, ele está habitando entre nós. O homem faz parte do todo.

O homem é para o mundo.

Para que seria o homem, senão para o mundo, onde está? (*)

O homem é para o mundo, isto é, todo o seu potencial é para ser aplicado no mundo.

O que eu sou não é para ser armazenado em mim e para mim: o que eu sou é para ser distribuído, é para ser posto em comum, é para ser comunicado. Porque todos nós somos o mesmo. Só quem acredita nisto, isto é, que todos os homens são o mesmo, pode fazer da comunicação o instrumento de união entre os homens.

O homem é um ser no mundo, do mundo e para o mundo.

A recíproca é verdadeira: o mundo está no homem, é do homem e para o homem.

Mas, eu disse que o mundo não transforma o homem em mundo para que o habite. Porque o homem não é um ente passivo, fruto exclusivo do mundo. Aqui a grandeza do homem: o homem está no centro do mundo, é pressionado pelo mundo, mas não é fruto exclusivo do mundo.

Dos habitantes do mundo somente o homem vence a natureza, domina o mundo. O homem não foge quando o meio lhe é hostil: ele fica e vence o meio. O homem não é escravo do meio, como os minerais, os vegetais e os animais irracionais.

O mundo, sendo do homem, recebe influência do homem.

O homem dominou a natureza desde os espaços às profundezas da terra. Se o homem fosse fruto exclusivo do mundo, não teria dominado o mundo. O homem recebe influência do mundo, mas também exerce influências no mundo.

O homem recebe as influências do meio e influencia também.

Por ser um animal comunicante, o homem é também dialogante.

(*) Minha colocação é filosófica. Não tenho o propósito de chocar as opiniões religiosas de quem quer que seja.

De tudo que foi dito aqui deve ter ficado bem claro que dois são os elementos do conhecimento:

sujeito e objeto.

O sujeito que capta e o objeto que é captado. Chamamos a atenção para o fato de que nenhum dos elementos é passivo.

Eu sou sujeito e o interlocutor, objeto (e é objeto porque está fora de mim). Simultaneamente eu sou objeto e sujeito.

Vou chamar a atenção para um pequeno detalhe: há quem leve muito ao pé da letra esta colocação de que tudo que está fora do homem é objeto. Ora, o homem com quem convivo está fora de mim, logo é objeto. Quem assim põe o problema diz: "eu sou sujeito e os demais homens, objetos". Sucede que em relação às pessoas humanas o fenômeno não se processa tão simplesmente. Nenhum homem é objeto de outro homem.

Somos objetos apenas no sentido gnosiológico, isto é, em termos de conhecimento... fora de quem capta.

Tudo que existe é ser — sujeito e objeto.

Ser como sinônimo de mundo (coisas)? de Homem? de Deus?

O homem dominou o mundo ou está em franco domínio? Quando eu digo que o homem dominou a natureza (mundo, sociedade) me firmo no que o homem já fez: não afirmo, todavia, que este domínio é definitivo. Nem poderia dizer isto, quando acredito no primado existencial do homem no tempo, isto é, o homem acontecendo. Pois o homem é um ser em processo — é um *continuum* existencial.

O homem conhece o mundo?

No tempo e no espaço mais cresce o conhecimento do mundo, pelo homem. E mais cresce o domínio do mundo, pelo homem.

O homem conhece o homem?

ERICH FROMM, por exemplo, afirma: "... Só é possível um completo conhecimento em relação às coisas. As coisas podem ser disseccionadas sem ser destruídas; podem ser manipuladas sem prejuízo de sua natureza, podem ser reproduzidas. O homem não é uma coisa. Não pode ser disseccionado nem ser destruído. Não pode ser manipulado sem sofrer danos. E não pode ser reproduzido artificialmente." (9)

ERICH FROMM, à sua maneira, propõe uma gnosiologia amorosa, digamos assim, afirmando que só pelo amor é possível conhecer o íntimo do homem. "O amor é a penetração ativa da outra pessoa em quem meu desejo de conhecer é instilado pela união. No ato de fusão eu conheço a outra pessoa, conheço a mim mesmo, conheço a todo o mundo — e não "conheço" nada. Conheço da única forma em que o conhecimento de que é vivo é possível para o homem — pela experiência da união, não por qualquer conhecimento que nosso pensamento

(9) JASPERS, K. et alii. — Ob. cit., p. 77.

possa proporcionar. A única maneira de atingir o conhecimento pleno reside no ato de amar; esse ato transcende o pensamento, transcendendo as palavras." (10)

Nunca o homem deixou de tentar conhecer o outro homem. Cada tempo foi marcado pela tentativa, pela busca do homem de conhecer o outro.

O homem conhece Deus?

Talvez seja este um dos pontos mais controversos da Gnosiologia, pois que até o objeto em foco tem sua existência discutida. Mesmo assim admite-se que conhecemos Deus por meio de nossos conceitos oriundos das coisas terrenas (analogia); como admite-se que tudo se fundamenta em Deus, atendendo a que todos os seres provêm dele, como causa eficiente primeira e por Ele são atraídos com o fim último (participação). No primeiro caso Deus seria conhecido pelas suas obras e, no outro, o homem participaria de Deus, independentemente de seu conhecimento de Deus. Finalmente há aqueles que dizem que o conhecimento de Deus só é adquirido mediante a união com Ele (mística).

Homem — coisa...

Ninguém pode fazer de outro homem objeto, coisa, instrumento.

O homem não é instrumento de outro homem, como não é do mundo.

Como o homem não é instrumento do mundo, nenhuma criatura humana é instrumento de outra criatura humana. Como o homem recebe influência do mundo, as criaturas recebem influências umas das outras.

O homem não passa pelo mundo (e pelas criaturas com as quais existe), sem dois momentos: deixa marca de sua passagem no mundo e é marcado pelo mundo na sua passagem.

Ninguém passa indiferente pelo mundo: todos temos algo a dar e algo a receber.

O que se dizer mais, em relação à Teoria do Conhecimento, aplicada à comunicação, após o já dito?

Dizem os céticos, encabeçados por GÓRGIAS: "Nada é. Se algo fosse, seria incognoscível. Se fosse cognoscível, seria incomunicável."

GÓRGIAS nega a existência de tudo: nada existe. Nada é.

Nada é, ou existe algo?

GÓRGIAS responde: se existisse algo, não seria conhecível.

Existe algo e esse algo é possível conhecer?

GÓRGIAS prossegue: se existisse algo e se fosse possível conhecer, seria incomunicável.

Incomunicabilidade?

(10) *Idem, ibidem, p. 78.*

No mundo? Nos homens?

Existe algo: eu vejo, eu sinto, eu existo. O *cogito* cartesiano é profundo: se eu penso, é porque existo.

Tudo que existe é conhecido.

O conhecido é comunicável.

Existe algo, é possível conhecer, é possível transmitir.

O homem é um animal comunicador. Até no silêncio o homem se comunica.

E o homem, já o dissemos, não se comunica apenas com o agora: o homem tem uma perspectiva maior. O homem se comunica com o futuro. O homem não abre picada para ele, agora: o homem constrói estradas. O homem se comunica com as gerações, com a natureza, com Deus.

4 — Ciberneticização ou autonomia do homem

De tudo que ficou dito é possível aceitar-se a tese de que os veículos de comunicação coletiva um dia conduzirão o homem, controlarão o homem completamente?

O homem ficaria (ou ficará?) pressionado pelos VCC ao ponto de não ter saída e responderia (ou responderá?) cegamente às suas mensagens, agindo, diríamos, como u'a máquina?

A tese é interessante e vem apaixonando estudiosos e leigos da comunicação, e ela merece, antes de mais nada — dentro do enfoque dado a este trabalho — uma reflexão.

a) *O homem é fruto exclusivo do meio ambiente?*

A Ecologia afirma: "Toda e qualquer variação do meio ambiente tem uma ação intensa sobre os organismos. Estes, por sua vez, têm ação sobre o meio e o modificam"... "esta ação do meio ambiente sobre os organismos provoca uma reação por parte destes que se traduz pela adaptação ou migração". (11)

"O homem interage com o ambiente, isto é, entra em relações ativas de dá-cá, toma-lá, semelhante às que o comprador mantém com o negociante de quem compra e a quem paga." (12)

b) *O homem será resultante absoluto dos VCC?*

O homem é um animal sensorial: suas antenas são muitas e estão em permanente funcionamento. O homem, ao contrário do animal e da máquina, não responde necessariamente e imediatamente ao impulso apresentado, a um impulso apresentado: *n* impulsos são simultaneamente apresentados ao homem e captados pelo homem.

Os animais carecem de excitantes constantes para reagirem: as

(11) BOLSANELLO, Aurélio — *Biologia*, Editora FTD, São Paulo, 1967, p. 61.

(12) WOODWORTH, Robert S. — *Psicologia*, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1959.

máquinas, computadas para “reações determinadas”, carecem de estímulo inicial para que todo um processo se desenrole. A máquina pode trabalhar com símbolos definidos e imagens exatas. O animal não possui mais que um “pensamento” baseado em imagens e de uma forma elementar. O homem, ao contrário, por receber e armazenar imagens por várias vias e permanentemente; o homem, por ser capaz de abstração; o homem, ser de reflexão — cujo processo de apreender algo não o obriga a agir imediatamente; o homem, enfim, por sua estrutura biológica e psicológica, pode reagir quando quiser, tão rico é o seu armazenamento cognoscitivo ou de idéias e imagens, símbolos e impressões (elementos do passado, do presente e do futuro).

Nos animais e nas máquinas a todo estímulo corresponde uma reação, um ato; no homem, ao contrário, tantas são as mensagens que chegam a ele que é impossível “consumir cada impulso aferente numa ação manifesta”. (13)

“Mas o ambiente efetivo contém vários elementos, de várias espécies, muitas forças e condições físicas, como gravidade, calor e frio, luz e treva, espaço e tempo. O indivíduo interage com todos esses elementos, além de estar constantemente interagindo com o ambiente social.” (14)

A interação é própria do homem, diríamos melhor: filha do cérebro do homem.

c) *O homem é reflexo absoluto do meio social?*

A tese posta em reflexão por nós prossegue com suas premissas: o homem é um animal sensorial. Os órgãos sensoriais são os receptores dos estímulos: os nervos sensoriais estimulam o cérebro; o cérebro estimula os nervos motores e estes estimulam os músculos. O que significa: pelos sentidos são conduzidos os homens e como os veículos de comunicação coletiva fazem apelo aos sentidos, os veículos de comunicação de massa conduzirão os homens.

Vimos que o homem recebe *n* estímulos e pode armazenar conhecimentos (impressões, idéias, imagens), o que vale dizer que o cérebro não responde obrigatoriamente a todo estímulo, muito menos imediatamente, como acontece com o animal e com a máquina computada.

“Se os cérebros humanos continuassem a funcionar como cérebros de animais, apenas com generalidades de percepção sempre crescente e sempre crescente transferência de respostas, poderíamos realmente estar nos excedendo ao filtrar detalhes e ignorar muitíssimas deixas para prontas reações extemporâneas. Mas, em grande medida, os seres humanos não dependem de respostas diretas de curto alcance,

(13) LANGER, Susanne — *Ensaio*s filosóficos, São Paulo, Cultrix, 1971, p. 47.

(14) WOODWORTH, Robert S. — *Ob. cit.*, p. 249-250.

pois seu material principal é uma tremenda reserva de símbolos, imagens, palavras e apresentações fragmentárias de identidade dúbia, mas com significado, os quais podem ser manipulados independentemente do estímulo em curso que provenha do ambiente.” (15)

O homem é um ser que seleciona, não apenas percepção, como reação. Mesmo que esteja numa babel de estímulos, de pressões, o homem seleciona percepção e reação, graças à sua estrutura psíquica.

O homem, cercado pelas forças pressionantes do mundo exterior, forma, também, dentro de si, forças pressionantes. O que vale dizer que a sua resposta não pode ter como único dado o estímulo externo: o seu mundo exterior também participa de sua reação e de sua ação.

Antes de o homem reagir e agir (externamente), reagiu e agiu internamente, isto é, no seu cérebro. Daí por que os estudiosos da Antropologia dizem que o mais medíocre arquiteto é sempre superior à mais perfeita das abelhas: todo o trabalho humano é fruto da inteligência humana, isto é, nasce, cresce e se produz no cérebro do homem.

d) *O meio social será produto dos veículos de comunicação coletiva?*

Não se ignora o avanço impressionante dos VCC, desconfinando o homem onde quer que ele se esconda. O espaço — que limita o homem, não é problema para os VCC: o longe é aqui. O tempo — que finitiza o homem, inexistente para os VCC: presente-passado-futuro se confundem.

Mas, entre o aqui simbólico do longe e a osmose do ontem-hoje-amanhã-agora, atingidos pelos VCC e a realidade do homem — como ser do espaço e do tempo — vai grande distinção.

Entre a penetração dos VCC na vida de cada homem e o seu poder de produzir fácies único do meio social, vai grande diferença.

Esta distinção, esta diferença não “é apenas gnoseológica, mas é também ontológica, não diz respeito apenas à noção de alguma coisa, mas também à própria coisa”. (16)

e) *Massificação e ciberneticização do homem?*

Sem exagero podemos dizer que o homem tem procurado substitutivos para o que lhe falta, seja criando ou ampliando os instrumentos necessários a este desiderato, ou, como disse WIENER, “o emprego de máquinas automáticas é sempre uma espécie de prótese dos membros que não possuímos”. (17)

(15) LANGER, Susanne — Ob. cit., p. 75.

(16) WIENER, Norbert — et alii — *O conceito de informação na ciência contemporânea*. Rio, Paz e Terra, 1970. p. 158.

(17) O autor in ob. cit., p. 74, afirma: “Prótese é a substituição mecânica de um sistema que até então era exclusivamente humana.”

A máquina deve ser encarada como substituição ou implantação daquilo que o homem possuiu e não possui mais, jamais como um objetivo em si.

O que se tem dito com muita naturalidade é que não só as máquinas tomarão o lugar do homem, como o homem pode ser considerado como uma máquina e, como tal, computado, cibernetizado.

Tomando os computadores eletrônicos como similares ao cérebro do homem, alguns estudiosos afirmam que o cérebro do homem pode ser computado. Com esta informação, “profetas” garantem que o homem será automatizado, computado, massificado, cibernetizado e, mais, que o instrumento a ser usado nesta operação serão os VCC.

ROSE MARIE MURARO diz: ‘O prodigioso avanço dos meios de comunicação pode levar às grandes massas uma verdadeira mestiçagem cultural, mas pode também significar a sua definitiva massificação e embrutecimento.’ (18)

O controle absoluto do cérebro do homem importaria no controle do absoluto humano: corpo, meio ambiente, meio social. . .

Que força seria esta capaz de controlar o todo humano? O próprio homem? O homem, absoluto do homem?

Surgidos todos os entes de uma forma primitiva, de um átomo originário — nem por isto os entes não se individualizaram, não se tornaram famílias, gêneros e espécies diferentes. Só o homem, pelos VCC, perderá a sua individualidade?

Como vemos, o tema é apaixonante e uma reflexão mais profunda e longa se faz necessária para uma tomada de posição, principalmente a de afirmar-se que o homem um dia será massificado, cibernetizado.

Este é um trabalho despretensioso e só tem um objetivo: mostrar que comunicação é um tema em desenvolvimento, aberto, tão aberto e em desenvolvimento como o homem que a anima.

(18) MURARO, Rose Marie — A automação e o futuro do homem. Rio, VOZES, 1968, p. 64.